

Por uma geografia poética: paisagem e escrita em Ruy Duarte

Márcia dos Santos do Nascimento*

Resumo

Entre margens e paisagens, surpreendemos nas paisagens literárias de Angola, o percurso poético de Ruy Duarte de Carvalho, um escritor que transita entre a prosa e a poesia, a escrita e a oralidade, a literatura e a etnografia. Assim, o presente trabalho pretende uma leitura acerca desses registros, partindo dos conceitos de autoetnografia e autoficção, com vistas a mapear uma geografia poética em diferença das savanas angolanas.

Palavras-chaves: Geografia poética; Autoetnografia e autoficção; Ruy Duarte de Carvalho; Geografias literárias africanas; Poética.

A literatura e a etnografia estão imbricadas, na medida em que tanto uma quanto outra disciplina, de uns anos para cá, vem se valendo de teorias e categorias interdisciplinares para o estudo das ciências humanas. A partir do momento em que os conceitos de literatura começaram a ser utilizados pela etnografia (e vice-versa), o diálogo entre ambos os campos de saber ficou inevitável. Acreditamos que esse viés argumentativo faz parte dos projetos políticos e literários dos escritores em questão. Nossas interpretações das culturas e da literatura fazem parte da disciplina da teoria cultural. Não existem leituras ingênuas e nem desprovidas de paradigmas. A teoria e a crítica literárias lançam mão de outras disciplinas sociais para a sua formatação.

Nesse caminho, Appiah sintetiza:

na verdade, a história da acolhida da literatura africana no Ocidente sugere que o fornecimento de um contexto social nunca foi o problema: ao contrário, as pessoas estavam extremamente ansiosas por atentar para a dimensão etnográfica da literatura africana. E, como sugeri, seria completamente diferente afirmar que uma

* Língua Espanhola e Literaturas – UEPB

perspectiva crítica que simula a do autor garante uma interpretação mais adequada do texto. (APPIAH, 1997, p.104)

O texto existe como evento linguístico, social, comercial e político, o que acarreta o estabelecimento de diferentes protocolos de leituras para as culturas em foco, resta ao estudioso de literatura africana escolher qual via de acesso irá acessar para uma melhor interpretação das comunidades. A interpretação da cultura deve contemplar três coisas, na concepção de Appiah (1997, p.106): considerar o texto africano moderno como produto do encontro colonial (e não como simples continuação de uma tradição nativa, nem como mera intromissão da metrópole); enfatizar que as formas pré-coloniais e as contemporâneas são genuínas (caminho para a valorização das fontes culturais africanas) e por último, contestar a suposição da superioridade cultural do Ocidente. Nesse sentido, realizadas essas considerações, acreditamos que abordar a incorporação da tradição oral na escrita foi uma viagem literária que ajudou a imprimir valores materiais e imateriais críticos nos dois lados do Atlântico. Considerar os contextos sociais, culturais, geográficos e históricos desses territórios é uma forma inusitada de ler a moderna literatura africana.

Paisagens literárias de Angola

“... sendo estrangeiro a mim o que me intriga é distinguir aqui uma nação como se fosse um corpo...”
(CARVALHO, 2005b, Adenda).

A vida é uma tradução constante, na qual estamos todos perdidos (GEERTZ, 1999, p.70), e no processo de tradução cultural, seguindo a trilha de uma geografia dos corpos simbólicos de Angola, no percurso poético de Ruy Duarte, a intenção deste estudo é traçar a viagem na escrita e através da escrita de manifestações discursivas, ou se preferirmos, manifestações “vocais” que insistem em povoar as margens desse rio chamado Atlântico. Tentamos, com o risco do lápis do escritor angolano Ruy Duarte, mapear um espaço cultural, pelo roteiro imprevisível de suas viagens, que contenha em sua configuração territorial e geográfica as marcas do “sal da terra” e o “hábito da terra” chamada Angola. Aprendemos com seu exercício poético, a remodelar linguagens para enfim, escolher uma linguagem mais grata que o silêncio. Com esse exercício de aprendizagem textual, descobrimos que suas paisagens propícias não podem ser construídas com a separação do

homem e natureza; e, que um corpo não pode destacar-se sozinho e por inteiro das paisagens textuais e culturais emolduradas através de sua proposta poética, porque “a geografia aqui comporta os corpos e o ser aqui implica a geografia” (CARVALHO, 2005b, p. 412).

Voltando ao conceito de antropologia interpretativa, Geertz (1999) relata, tendo no instrumento da tarefa da tradução cultural a principal fonte de inventariar e representar culturas, as vantagens e desvantagens da função dos antropólogos e afirma que a maioria do público leitor de antropologia não domina o conhecimento dos fatos e eventos, culturas e etnias descritas nas monografias antropológicas. Por isso mesmo, conforme Geertz, o antropólogo atua com certa impunidade em seus relatos e pesquisas de campo. A desvantagem dessa relação enviesada entre autor-produção cultural-leitor no campo da antropologia, na opinião do ensaísta não ocorre com muita frequência nas disciplinas sociais literatura, filosofia e história, nesses campos parte-se do princípio de que o contexto e o tema abordado por esses estudiosos é comum ao enunciador e ao público ouvinte. Uma nova postura por parte desses estudiosos da antropologia começa a mudar esse mal-estar, pois, trabalham na atualidade, a partir de uma mediação entre a produção antropológica e outras áreas de conhecimento¹.

A etnografia é um fenômeno emergente interdisciplinar e é exatamente a partir dessa perspectiva que abordamos os projetos e percursos literários, poéticos e antropológicos do escritor em foco, Ruy Duarte. A etnografia ou a literatura, ao tratar de estruturas sociais ou simbólicas, tem o dever de, no mínimo, apresentarem um discurso inteligível para os possíveis leitores. Nesse sentido, alguns estudiosos da área da antropologia chegam a afirmar que a tendência à auto-referencialidade ou à auto-representação no processo de construção da escrita etnográfica, ou se preferirmos o processo útil para as análises que empreendemos no âmbito desse trabalho, denominado de autoetnografia, é uma via de interpretação cultural na qual o escritor disserta sobre a sua própria configuração e o seu próprio processo de produção cultural, sob o olhar do antropólogo *insider* (subjetivo), bem como do antropólogo *outsider* (objetivo), inserido dentro de seu próprio texto – escrita, cultura, paisagem, margem, território etc. Como é o caso, por exemplo, do *indigenous ethnographer* (Cf. CLIFFORD, 1986; MINGOLO, 2003),

1 - Clifford Geertz e Victor Turner contribuíram para a vertente interdisciplinar e transcultural no âmbito da antropologia. A noção de procedimentos literários perpassando alguns trabalhos de representação cultural é uma idéia recente na antropologia, principalmente na etnografia. A aproximação dos elementos da poética, da política e da história culmina por fundir teoria literária e etnografia, o que para a atual pesquisa é de extrema importância, já que se pretendeu encarar a autoridade etnográfica como uma diversidade de vozes, construindo novos constructos de subjetividades na escrita etnográfica (CLIFFORD, 1986, p. 4 e 14).

representante legítimo do pensamento liminar a contrapelo da colonialidade do poder, prática antropológica que constrói sujeitos de enunciação numa ambientação textual, técnica e científica subjetiva, espaço do discurso no qual deveria imperar a objetividade. Nesse universo é que ocorre um intercâmbio superlativo entre teóricos da literatura, críticos e cientistas sociais.

O livro **Writing culture** (1986) editado por James Clifford e George Marcus identifica o processo de construção da escrita etnográfica como uma abordagem interdisciplinar complexa, na qual estão incluídas diversas perspectivas. A título de exemplos temos: a teoria e a poética cultural de Edward Said; o estudo das comunidades científicas e a crítica da hegemonia ocidental de Tzvetan Todorov; o conceito de tradução cultural de Talal Asad, dentre outras transversalidades que se propõem a discutir e debater artefatos culturais, tradições e talento individual nos processos de produções culturais.

Na linha de pensamento de vários colaboradores para essa edição, entende-se por cultura: conhecimento, crença, arte, moral, costumes e outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade. Como muito bem pontuado de acordo com as novas tendências antropológicas, cultura significa texto, e tal texto é visto como tecido cultural, ou seja, a linguagem é uma variante imprescindível para a continuidade histórica de uma dada sociedade. Talal Asad, por exemplo, oferece-nos uma definição das possibilidades e limites da tradução cultural no universo da antropologia social (cultural). Segundo esse pesquisador a reprodução do discurso do outro depende da estrutura (ou coerência) do gênero de linguagem no qual o tradutor de culturas expõe sua escrita: poesia, análise científica, narrativa². E mais, diz que o antropólogo que tem a postura de tradutor cultural deve ser visto como um aprendiz, não como guia, da cultura observada, para esse pensador a tradução cultural consiste numa tendência a ler o implícito das culturas estrangeiras³.

O próprio James Clifford, na introdução “Partial Truths” (“Verdades Parciais”) e no artigo “On Ethnographic Allegory” (“Sobre a alegoria etnográfica”), realiza uma espécie de perfil para o processo de construção da etnografia: a representação

2 - “All good translation seeks to reproduce the structure of an alien discourse within the translator’s own language. How that structure (or ‘coherence’) is reproduced will, of course, depend on the genre concerned (‘poetry’, ‘scientific analysis’, ‘narrative’, etc.), on the resources of the translator’s language, as well as on the interests of the translator and/or his readership.” (ASAD, 1986, p.156).

3 - “Reading other cultures” – “This inequality in the power of languages, together with the fact that the anthropologist typically writes about an illiterate (or at any rate non-English-speaking) population for a largely academic, English-speaking audience, encourages a tendency I would now like to discuss: the tendency to read the ‘implicit’ in alien cultures. According to many social anthropologists, the object of ethnographic translation is not the historically situated speech (that is the task of the folklorist or the linguist), but ‘culture’, and to translate culture the anthropologist must first read and then reinscribe the implicit meanings that lie beneath/within/beyond situated speech” (ASAD, 1986, p.160 e 162).

etnográfica de outras culturas é, desde o bloco de notas do antropólogo à elaboração da monografia final, um fazer textual, portanto, uma escrita, são construções discursivas que figuram “mais em invenção do que representação de culturas” (CLIFFORD, 1986, p. 2)⁴, portanto se assemelham mais a ficções do que a descrições objetivas da realidade. A reprodução da alteridade pelo viés da escrita científica da antropologia depara-se com uma assimetria infinita de sistemas linguísticos. A etnografia não é um objeto, é um veículo para transcender o tempo e o espaço e a tradução cultural se configura na principal via para interpretar culturas, no que tange principalmente os espaços de religiosidade e cultura tradicionais.

Nesse sentido, realizamos, no transcurso desse trabalho, uma aproximação entre a noção estabelecida por nós de “assinatura negra” e a questão da “autoridade etnográfica” de James Clifford (2005), pelas vias da polifonia, poligrafia, heterografia, ou melhor, pela policromia de cores empreendidas no processo de construção da escrita poética, ensaística, etnográfica das duas margens atlânticas, representadas por Ruy Duarte.

No nosso entendimento, tal “assinatura” ou “autoridade” está contida tanto na identidade civil do etnógrafo (literário, poeta, produtor cultural), que observa uma dada cultura/comunidade, quanto dos etnografados (povo, etnia, território). Assim, a construção discursiva científica, ou seja, o produto final desse processo de interação/integração entre homem, espaço, paisagem e natureza, não pode ser considerado um bem material e imaterial do indivíduo, e sim um processo dinâmico de construção coletiva.

O diálogo entre etnografia e literatura foi o início de uma rota diferente para a nossa própria viagem discursiva, na tentativa de consolidar uma reinterpretação do processo de construção de *selves* e, conseqüentemente, da escrita etnográfica. A configuração da metáfora náutica para representar a linguagem do mundo e de suas variações sociais: antropologia, literatura, história e geografia. Por isso a concepção de cartogramas de palavras e do imaginário para plotar um mapa provisório da leitura que empreendemos acerca da construção poética de Ruy Duarte de Carvalho se aplica perfeitamente. Nesse sentido, com o objetivo apenas de fazer uma “breve paragem” na viagem de nosso próprio texto, finalizamos o caminho trilhado de uma das rotas marítimas realizadas nas páginas das culturas de **Duas margens do Atlântico: Brasil e Angola**.

4 - “Their focus on text making and rhetoric serves to highlight the constructed, artificial nature of cultural accounts. It undermines overly transparent modes of authority, and it draws attention to the historical predicament of ethnography, the fact that it is always caught up in the invention, not the representation, of cultures”. (CLIFFORD, 1986, p. 2).

O canto, o gesto e a terra

“A lavra é pronta e a terra aguarda a chuva que a embeba e adoce para a mordedura urgente das enxadas. O chão é exposto ao sol e a terra crua, trazida à superfície pela derruba, muda de cor com o tempo e de textura, do barro à crosta seca que a pressão desfaz.”
(DUARTE, 1980.)

A poética vocal de Ruy Duarte de Carvalho trouxe para a abordagem proposta aqui, versos, cantos e gestos do campo cultural negro-africano. O poeta trouxe em seus versos o canto das terras angolanas. O canto, o gesto e a terra criaram as etnopaisagens⁵ e geografias literárias de Angola. A nova perspectiva de Appadurai para tentar compreender a dinâmica social do mundo, interessa-nos na medida em que configura em interpretações modeladas pela localização histórica, geográfica, cultural e política dos sujeitos sociais em observação. É uma visão caleidoscópica que leva em consideração as novas configurações espaciais do mundo, portanto a proposta foi a de trabalhar com a ideia de etnopaisagem para tentar abarcar a abordagem literária do projeto poético e político-cultural do autor angolano.

A metáfora náutica para a linguagem desse poeta serviu-nos como via de diversificar o *corpus* analítico de nosso trabalho. Procuramos enfim, perseguir o trabalho com a categoria da paisagem, para a interpretação do roteiro de viagem de Ruy Duarte de Carvalho. A produção cultural e antropológica desse escritor foi analisada de acordo com sua proposta social e artística. Seus textos foram analisados conforme sua visão do mundo enquanto poeta-etnógrafo.

Na voz poética de Ruy Duarte de Carvalho nós pudemos identificar o mesmo exercício com a paisagem, estabelecendo uma maneira inusitada de recriar o campo cultural negro-africano. Pelas paisagens textuais de sua proposta poética, funda-se a base de sustentação para a leitura que propomos para as paisagens literárias de Angola. Nesse sentido, se consolida na escrita de Ruy Duarte de Carvalho uma variedade de molduras etnográficas, que aliadas ao processo de construção identitária de territórios, são consideradas “sociedades tradicionais”, porque ainda nos dias de hoje, são espaços que mantêm uma substância etnográfica, no caso específico da observação-participante do escritor os *Kuvales*.

5 - Arjun Appadurai, na sua obra **Dimensões culturais da globalização** apresenta uma teoria cultural de ruptura com a imaginação da nação, o antropólogo indiano anuncia o fim do Estado-nação, mas não do Estado-território. Essa obra reflete acerca da modernidade e da globalização, dos fluxos globais e das culturas de contato, elegendo o trabalho com a paisagem como uma espécie de sufixo para se compreender a cultura contemporânea. Assim, interpretamos os fenômenos culturais da atualidade através das noções de etnopaisagens (*ethnoscapes*), de midiapaisagens (*mediascapes*), de tecnopaisagens (*technoscapes*), finaciopaisagens (*financescapes*) e de ideopaisagens (*ideoscapes*) para tentar dar conta dos fluxos e influxos das diferentes espécies de agentes sociais. (APPADURAI, (2004, p. 50)

Este poeta-etnógrafo realiza uma reconstrução, em etnopaisagens, nas malhas das letras do corpo cultural que se mantém vivo, transformando-se em espaços profícuos para a inscrição, por intermédio da oralidade, da língua e desse corpo textual africano na escrita. Nesse sentido, a palavra torna-se um dispositivo para acessarmos a memória coletiva dessas comunidades e esse poeta, instrumento de sonoridade para orquestrar as relações entre homem e a natureza. Nas palavras de Michel Collot: “o poeta vibra ao som dos elementos da paisagem, tornando-se um instrumento rítmico de mesma tonalidade afetiva, musical” (COLLOT, 2005, p. 54), e por extensão, acrescentamos o caráter mágico à tarefa de tradução cultural de Ruy Duarte, principal elemento que o auxilia na modalidade (en) cantar a natureza.

Ampliando o conceito de paisagem para além dos limites geográficos, o crítico Michel Collot, em **Paysage et poésie**, afirma que “a paisagem não é apenas um meio natural, mas um bem cultural” (COLLOT, 2005, p. 9)⁶; a serviço ao mesmo tempo do indivíduo e de sua coletividade, a ela podemos inferir múltiplos valores e significações. A paisagem, além de ser um bem imaterial, é um bem material para a tentativa de encontrarmos significados nas três linhas de força que se apresentam no atual trabalho, quais sejam: a questão da diáspora africana, da tradução cultural e do processo de escrita etnográfica. A paisagem é um estado de alma e o poeta que a produz transforma-se em instrumento de sonoridade, para encontrar o tom e saber ouvir o som da natureza e, imbuído dessas habilidades, ele pode retornar ao conceito de descrição de uma paisagem sublime.

Segundo ainda o pensamento de Collot, o poeta é também o instrumento sonoro de sensações, sentimentos e idéias, sempre apto a encontrar a harmonização musical de suas composições paisagísticas. Desse modo, deve ser capaz de descrever e compor ao mesmo tempo a ambientação de uma paisagem, sua coloração afetiva e a tonalidade do poema⁷. Orquestrar, enfim, as características fundamentais da paisagem textual, que se instaura entre os elementos do mundo exterior, a consciência humana e a ressonância do poema. Encontramos essa

6 - Cf.: “le paysage n’est pas seulement un milieu naturel, mais un bien culturel”. (COLLOT, 2005, p. 9). Todas as demais traduções dessa edição são de nossa responsabilidade.

7 - “Cette exploitation des ressources musicales de la langue n’est pas destinée à exhiber l’art de l’écrivain; elle vise à traduire ce qui dans l’expérience du paysage n’est pas de l’ordre du visible ni de la signification logique. Comme en poésie, elle produit une signification inséparable du jeu des signifiants et difficilement définissable, comme le sens d’un paysage est indissociable de ses qualités sensibles. Elle est porteuse d’une expressivité immanente à l’expression elle-même, véhiculant une émotion intense mais indéterminée comme la *Stimmung* chère aux romantiques allemands, qui désigne à la fois l’atmosphère d’un paysage, sa coloration affective et la tonalité du poème.” (COLLOT, 2005, p. 40). Conforme Collot, essa é a descrição para o exercício poético dos escritores que buscam traduzir as harmonias e as ressonâncias particulares de uma paisagem. A palavra *Stimmung*, de origem alemã, não tem correspondência na tradução em francês, ela reúne a atmosfera que envolve objetos e sujeitos, ambiente que colore ao mesmo tempo a paisagem e o estado de alma do sujeito lírico.

dimensão paisagística, principalmente na proposta poética do escritor, na qual essas habilidades lingüísticas e rítmicas estabelecem uma correspondência entre a produção do texto e o espaço em observação. A dimensão espacial, além de exprimir o pensamento do sujeito estende às dimensões do humano suas experiências com as paisagens textuais e visuais. Para Collot, o reencontro entre o sujeito e suas matrizes configura-se em uma “estética da paisagem” entre o “eu” e o mundo, as identidades e as alteridades.

O elemento rítmico que surpreendemos com o trabalho da paisagem é a capacidade de expressão corporal e textual do sujeito lírico, bem como de suas paisagens textuais, para uma dimensão inovadora entre o “eu”, o mundo e as palavras. Ainda segundo as concepções de Collot, o poeta vibra ao som dos elementos da paisagem, tornando-se um instrumento rítmico de mesmas tonalidades afetivas, musicais e espirituais da sua produção poética⁸. Essa integração de homem e natureza parece-nos familiar ao pensamento da geografia humana de Milton Santos, que sugere o conceito de espaço como conjugação das formas que configuram a paisagem somada à vida que o anima, portanto também um instrumento de estado de alma do sujeito que a contempla e traduz. Optamos por trabalhar com o conceito de paisagem de Michel Collot, por o considerarmos mais amplo e abrangente. O trabalho com a paisagem é visto como algo mais além das ciências humanas e sociais: passando da geografia à história da arte; bem como pela etnologia, pela sociologia, pela psicologia, pela antropologia, dentre outras disciplinas sociais e culturais. A paisagem, vista sob a ótica de Collot, configura-se como um fenômeno multidimensional que abarca os estudos da natureza e da cultura; da geografia e da história; do sujeito e da comunidade; do imaginário e da realidade.

A partir do que foi dito, as noções de paisagens, margens e espaço alinham-se à perspectiva da figura do poeta como instrumento sonoro de harmonização vocal e textual da natureza. Esse procedimento linguístico, serve para mediar a palavra e o gesto, a escrita e a oralidade, a etnografia e a poesia, serve enfim para estabelecer as bases cartográficas de nossa própria paisagem textual.

Assim Ruy Duarte de Carvalho (2005b), em **Lavra** opta por uma paisagem textual para o retorno ao sublime em sua poesia ao escolher uma linguagem mais grata que o silêncio para compor o livro **Hábito da terra** (1988).

Tranqüilas são as paisagens em que a idade não conta. A minha

8 - “L'accord qui s'établit entre l'état d'âme et le paysage revêt, comme le lyrisme lui-même, une dimension à la fois affective (*feeling*) et musicale: il donne au poème as tonalité (*tone*) au doublé sens de ce terme. [...] L'ambiance musicale et affective qui caractérise le poème lyrique naît de lar rencontre entre le moi, le monde et les mots.” (COLLOT, 2005, p. 53)

pele já quase nada guarda do grão que a destinava ao alvoroço das manhãs festivas. Poderia acolher o vento dos augúrios, o seu sinal na areia ou a palavra que o medo desbastou até o seu caroço de murmúrios. Há tardes em que a chuva se interrompe e a transparência invoca outro temor porque um silêncio assim acorda o sentimento e pode revelar, para além do corpo, as secretas razões de alguma voz futura. (CARVALHO, 2005b, p.237)

Desse modo, o seu texto inscreve os sons, os tons, os gestos e as palavras, o significante de comandar o ritmo e garantir a forma da escrita, num encontro da memória com a sua matriz. A conjugação entre o corpo e as paisagens configura-se numa maneira de organizar as vozes poéticas como se fosse textos, rimar enfim as palavras e os gestos. Também um modo de orquestrar a dimensão do gesto, a dinâmica do tempo e a identidade do espaço.

Consoante o pensamento de que a paisagem é um estado de alma e perseguindo as considerações de Michel Collot, em **Paysage et poésie**, o poeta deve ser capaz de descrever e compor ao mesmo tempo: a ambientação de uma paisagem, sua coloração afetiva e a tonalidade do poema. Orquestrar, pois, as características fundamentais da paisagem, que se instaura entre os elementos do mundo exterior, a consciência humana e a ressonância do poema. Essa musicalidade ou ressonância afetiva da paisagem é recorrente no trabalho poético de Ruy Duarte de Carvalho. E é exatamente a partir da perspectiva da etnopaisagem que esse poeta da palavra e do gesto estabelece uma comunhão entre o texto, o corpo e a cultura negro-africana. Esse exercício poético dinâmico exprime, nas experiências sobre suas próprias paisagens textuais, as inspirações interiores dos corpos culturais e manifestações dessas comunidades tradicionais.

Levando-se em consideração a construção do sujeito no discurso e a inscrição desse corpo social “na economia do prazer e do desejo como na economia do discurso, da dominação e do poder” (BHABHA, 1998, p. 107), procuramos, no decorrer do nosso trabalho, questionar e tentar compreender a ambivalência do discurso e suas formas de representação, na escrita e na fala, na literatura e na etnografia.

Para nós, a articulação do discurso entre fronteiras híbridas, transformou-se em convenção cartográfica para traçar alguns aspectos de Angola, na tentativa de sublinhar os signos sociais e culturais, ancorados numa espécie de semântica ou semiótica dos afetos. Então, o espaço das diferenças raciais tornou-se um elemento mesmo de ipseidade, alteridade e identificações culturais para consolidar a análise proposta inicialmente, a de promover um diálogo entre literatura e etnografia. Com isso, procuramos demarcar essa *differance*, para o levante de questões

que permeiam a trajetória de Ruy Duarte. Um modo de revelar os limites das representações discursivas do Ocidente e salientar os novos lugares do discurso, que se edificam sob a égide de novos signos e símbolos. Essa postura constituiu em uma versão textual para a compreensão que tivemos do trânsito e do percurso poético do escritor em foco, e para suas próprias representações da vida humana, aliando ética individual à ética coletiva.

A leitura de Antonio Candido acerca do gênero autobiográfico, no qual o autor é ele mesmo autobiógrafo e autobiografado, espaço narrativo pelo qual o leitor espera encontrar fatos verdadeiros acerca do autor no interior da narração. Isso se dá pela relação e pela instauração do pacto autobiográfico entre as partes envolvidas, através do qual há o respeito do próprio pesquisador, a encenação de sua relação com os paradigmas vigentes, o relato espontâneo que se propõe a coletar, a descrição dos procedimentos e ações sociais, as regras e os regimentos do método autoetnográfico e, acima de tudo, sempre presente, o programa de leitura, o qual o poeta-etnógrafo pretende seguir. A autobiografia, portanto, é uma forma de traduzir a história de vida do autor por ele mesmo.

Assim, pudemos inferir que esse método representa uma via de atalho para a representação produtiva da etnografia e sua autoridade intersubjetiva, isto é, para a encenação do escritor perante o leitor, por intermédio de todos os dados coletados e, principalmente, através de seu próprio programa de leitura e interpretação acerca das comunidades em observação.

É necessário que acrescentemos, para explicar a força da autoetnografia nas obras do escritor em questão, o conceito da “autoficção”. Se considerarmos, com James Clifford (1986) a autobiografia como subgênero da etnografia, o conceito pode ser aplicado nos procedimentos literários de Ruy Duarte de Carvalho. Por outro lado, procuramos também demarcar os recursos, tangenciados pela memória e por elementos metaficcionalis, que potencializaram a construção discursiva inscrita na margem da língua e da cultura portuguesa, sem deixar de lançar mão desses instrumentos lingüísticos para o protocolo de leitura que estabelecemos para interpretar também a trajetória e a obra desse escritor.

Conceito criado por Serge DuBrovski⁹ (DUBROVSKI *apud* FIGUEIREDO, 2007) para designar o ato da auto-referência, pelo nome verdadeiro ou por personagens-autorais, no espaço da ficção, a *autofiction* serve para representar o efeito de referir-se a fatos e acontecimentos reais dentro da ficção. O autor lembra

9 - DOUBROVSKI, Serge. **Fils**. Paris: Gallimard, 1977. O autor criou o neologismo *autofiction* para referir-se ao seu livro **Fils**. Ficção de acontecimentos e fatos reais, assim define Dubrovski o próprio romance de ficção. Trata-se de uma provocação a Lejeune, autor a definir a relação do pacto autobiográfico. (Cf.: LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975).

que quem lança mão do gênero da autobiografia, tenta contar sua própria história desde suas origens, já na autoficção pode-se recortar sua história por vieses diversos, oferecendo um curso e percurso discursivo-narrativo diferenciado, portanto mais bem elaborado. Além da referência e do uso do próprio nome autoral, ao nosso ver, para referir-se a uma história vivida e experienciada. A autoficção é, portanto, a incidência do autobiográfico na ficção, sem, contudo estabelecer, necessariamente, um pacto autobiográfico, como pontuado acima.

Nas representações discursivas de Ruy Duarte de Carvalho há outro tipo de pacto. Com o gênero da autoficção a intenção é a de estabelecer, entre leitor e autor, um pacto de ficção “presencial”, pois o autobiografismo escreve sobre o passado e a autoficção tenta retratar o presente. As viagens narrativas de Ruy Duarte de Carvalho podem ser consideradas, portanto, autoficção. Já que encontramos traços e acontecimentos reais ao longo de suas viagens, nas suas produções culturais e em suas escritas. O escritor recorta suas trajetória autoral e histórias de vida, como mediadores culturais, nas paisagens das savanas angolanas, produzindo os efeitos das migrações, derivas e nomadismos populacionais em paisagens culturais, etnopaisagens, registros linguísticos; instaurando, junto com a força da autoficção, o método da autoetnografia. Trata-se da recriação e da ressignificação de seus próprios percursos poético-etnográficos. Também uma maneira de repertoriar a cultura tradicional de outras “angolas”. Um modo de invenção de personalidades autorais e referenciais dentro de suas narrativas, de suas obras de etnografia, intervenções literárias e produções culturais.

Tais procedimentos consistem em uma forma de despersonalização autoral e autoficcionalização da sua própria história de vida, simultaneamente. O escritor é mais observador do que ator das ações narrativas, portanto, ressalte-se a sua capacidade de encenação e representação, produzindo assim uma escrita inovadora, respeitando os liames da autoetnografia, com requintes levemente autobiográficos. Nas palavras de Ruy Duarte de Carvalho, o que temos é a produção de uma “meia-ficção”.

O etnógrafo ao se postular como observador, e participe, do mundo popular e tradicional e ao admitir uma assinatura coletiva para a feita de seu trabalho de etnografia, assume uma postura de ficcionalizar o real. Com isso, torna possível a interpretação das culturas, a transmissão das tradições locais e a “performance” de seu próprio projeto literário.

Concluindo, isso tudo é orquestrado, por Ruy Duarte de Carvalho, de modo a aproximar a escrita dos escritor à fabulação, na qual as paisagens naturais (rios, florestas, matas, chuvas, savanas, animais) são coadjuvantes do desenho de suas

margens e paisagens literárias e retro-alimentam o processo de sua escrita.

Abstract

Among banks and landscapes, we surprised the literary landscapes of the Angola route poetie Ruy Duarte de Carvalho, a writer who moves between prose and poetry, writing and orality, literature and ethnography. This paper intends to read about these records, based on the concepts of autobiografia and autoficção, aiming to map a difference of the poetic geography of the Angolan savana.

Keywords: Poetic geography; Autoetnografia and autoficção; Ruy Duarte de Carvalho; African Literacy geography; Poetic.

Referências

CARVALHO, Ruy Duarte de. **A decisão da idade**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1977.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Sinais misteriosos... já se vê...** Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1979.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Como se o mundo não tivesse leste**. Porto: União dos Escritores Angolanos: Limiar, 1980.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Ondula, savana branca**. Luanda: União dos Escritores Angolanos: Contemporâneos, 1982.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Hábito da terra**. Luanda: União dos Escritores Angolanos: Contemporâneos, 1988.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Ana a manda** – os filhos da rede. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1989.

CARVALHO, Ruy Duarte de. Tradições orais, experiência poética e dados de existência. In: PADILHA, Laura Cavalcante (org.). I Encontro de Professores de Literaturas de Língua Portuguesa – **Repensando a africanidade**. Niterói: EDUFF, 1995.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Aviso à navegação**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1997.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Vou lá visitar pastores**. Exploração epistolar de um percurso angolano em território kuvale. Rio de Janeiro: Griphus, 2000a.

- CARVALHO, Ruy Duarte de. **Observação directa**. Lisboa: Cotovia, 2000b.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. **Ordem de esquecimento**. Lisboa: Cotovia, 2000c.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. **Os papéis do inglês**. O ganguela do coice. Lisboa: Cotovia; Angola: Caxinde, 2003a.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. **Actas da maianga**. [dizer da(s) guerra (s) em Angola (?)]. Lisboa: Cotovia; Angola: Caxinde, 2003b.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. **As paisagens propícias**. Lisboa: Cotovia, 2005a.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. **Lavra**. Lisboa: Cotovia, 2005b.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. **Desmedida** – Luanda – São Paulo – São Francisco e volta – Crónicas do Brasil. Lisboa: Cotovia, 2006.
- CARVALHO, Ruy Duarte de. **A câmara, a escrita e a coisa dita... fitas, textos e palestras**. Lisboa: Cotovia, 2008.

Textos teórico-críticos

- AGUESSY, Honorat et alii. **Introdução à cultura africana**. Trad. Emanuel L. Godinho *et al.* Lisboa: Edições 70/Unesco, 1977.
- APPADURAI, Arjun. Global ethnoscapas: notes and queries for a transnational anthropology. In: APPADURAI, Arjun. **Interventions: anthropologies of the present**. Santa Fe: R.G. Fox; School of American Research, 1991.
- APPADURAI, Arjun. **Globalization**. Durham, NC; Londres: Duke University Press, 2001.
- APPADURAI, Arjun. **Dimensões culturais da globalização**. Lisboa: Teorema, 2004.
- APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- ASAD, Talal. The concept of cultural translation in British Social Antropology. In: CLIFFORD, James e MARCUS, George E (eds.). **Writing culture** – The poetics and politics of ethnography. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, Ltd, 1986.
- BENJAMIN, Walter. Sobre el lenguaje en general y sobre el lenguaje de los hombres. In: **Sobre el programa de la filosofia futura y otros ensayos**. Caracas: Monte Ávila, 1970.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Trad. Myriam Ávila *et al.* Belo Horizonte: EDUFMG, 1998.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira** (momentos decisivos). 5ª ed. 1º volume (1750-1836). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1975.

CANDIDO, Antonio. **A educação pela noite e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CHAVES, Rita. Ruy Duarte de Carvalho: a educação pela terra. In: PADILHA, Laura Cavalcante (org.). I Encontro de Professores de Literaturas de Língua Portuguesa – **Repensando a africanidade**. Niterói: EDUFF, 1995.

CHAVES, Rita. **Angola e Moçambique**: Experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

CHAVES *et al.* **Vozes da África**. Biblioteca entre Livros. Edição Especial nº. 6. São Paulo: Duetto Editorial, 2007a.

CHAVES *et al.* **A kinda e a misanga**: encontros brasileiros com a literatura angolana. São Paulo: Cultura Acadêmica; Luanda, Angola: Nizla, 2007b.

CLIFFORD, James e MARCUS, George E. (eds.). **Writing culture** – The poetics and politics of ethnography. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, Ltd, 1986.

CLIFFORD, James. On ethnographic allegory. In: CLIFFORD, James e MARCUS, George E. (eds.). **Writing culture** – The poetics and politics of ethnography. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, Ltd, 1986.

CLIFFORD, James. Sobre a Autoridade Etnográfica. Trad. Carlos Branco Mendes. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. **Deslocalizar a Europa** – antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade. Lisboa: Cotovia, 2005.

COLLOT, Michel. **Paysage et poésie** – du romantisme a nos jours. Paris: José Corti, 2005.

COUTINHO, Isabel Lucas Rui. Eu tenho pudor de inventar situações – Entrevista concedida por Ruy Duarte de Carvalho. In: **Diário de notícias**. Lisboa, 16 maio 2006. Disponível em: <http://www.dn.sapo.pt/2006/05/16/artes/eu_tenho_pudor_inventar_situacoes.html>. Acesso em: 19 maio 2006.

DOUBROVSKI, Serge. **Fils**. Paris: Gallimard, 1977.

FERREIRA, Manuel. **O discurso no percurso africano** I. Lisboa: Plátano Editora, 1989.

FERREIRA, Manuel. **No reino de Caliban**. Lisboa: Seara Nova, 1975.

FIGUEIREDO, Eurídice *et al.* Negritude, Negrismo e Literaturas de Afro-descendentes. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: EDUFJF; Niterói: EDUFF, 2005.

FIGUEIREDO, Eurídice. Dany Laferrière: autobiografia, ficção ou autoficção? In: **Interfaces Brasil/Canadá**. n.º. 7, 2007.

FONSECA, Maria de Nazareth Soares. Percursos da memória em textos das literaturas africanas de língua portuguesa. In: **Gragoatá** – Revista do Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação, n.º. 19, 2º sem, Niterói: EDUFF, 2005.

FOSTER, Hal. O Artista como Etnógrafo. Trad. Manuela Ribeiro Sanches. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. **Deslocalizar a Europa** – antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade. Lisboa: Cotovia, 2005.

GEERTZ, Clifford. Descoberto na tradução: a História Social da Imaginação moral. In: **O saber local** – novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUERREIRO, Manuel Viegas. **Povo, povos e culturas**. Portugal-Angola-Moçambique. Lisboa: Edições Colibri, 1997.

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. 2ª. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

KANDJIMBO, Luis. Para uma introdução aos estudos literários angolanos. In: PADILHA, Laura Cavalcante (org.). I Encontro de Professores de Literaturas de Língua Portuguesa – **Repensando a africanidade**. Niterói: EDUFF, 1995.

LABAN, Michel. A relação entre escritor e poder em Angola depois da Independência. In: PADILHA, Laura Cavalcante (org.). I Encontro de Professores de Literaturas de Língua Portuguesa – **Repensando a africanidade**. Niterói: EDUFF, 1995.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1975.

LEJEUNE, Philippe. **Je est un autre**: l'autobiographie, de la littérature aux médias. Paris: Seuil, 1980.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas nas literaturas africanas**. Lisboa: Colibri, 1998.

MARCUS, George E. Contemporary problems of ethnography in the modern world system. In: CLIFFORD, James e MARCUS, George E (eds.). **Writing culture** – The poetics and politics of ethnography. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, Ltd, 1986.

MARCUS, George E. Afterword: ethnographic writing and anthropological

careers. In: CLIFFORD, James e MARCUS, George E (eds.). **Writing culture** – The poetics and politics of ethnography. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, Ltd, 1986.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço** – uma política da espacialidade. Trad. Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MATA, Inocência. Uma reflexão sobre os modelos de representação na literatura angolana. In: PADILHA, Laura Cavalcante (org.). I Encontro de Professores de Literaturas de Língua Portuguesa – **Repensando a africanidade**. Niterói: EDUFF, 1995.

MATA, Inocência. Even Crusoe needs a Friday: os limites dos sentidos da dicotomia universal/local nas literaturas africanas. In: **Gragoatá** – Revista do Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação, n.º. 19, 2º sem, Niterói: EDUFF, 2005.

MIGUEL, Salim. Raízes de um intercâmbio. In: PADILHA, Laura Cavalcante (org.). I Encontro de Professores de Literaturas de Língua Portuguesa – **Repensando a africanidade**. Niterói: EDUFF, 1995.

MONTEIRO, Manuel Rui. Só percursos pelo discurso. In: PADILHA, Laura Cavalcante (org.). I Encontro de Professores de Literaturas de Língua Portuguesa – **Repensando a africanidade**. Niterói: EDUFF, 1995.

NORONHA, Jovita M. Gerheim. Patrick Chamoiseau: etnografia e ficção. In: **Gragoatá** – Revista do Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação, n.º. 19, 2º sem, Niterói: EDUFF, 2005.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Novos pactos, outras ficções**: ensaios sobre literaturas afro-luso-brasileiras. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

PADILHA, Laura Cavalcante. Cartogramas: ficção angolana e o reforço de espaços e paisagens culturais. **Alea**: Estudos Neolatinos, volume 7, n.º1. Rio de Janeiro, UFRJ, Janeiro-Junho 2005.

PADILHA, Laura Cavalcante. Colonialidade e literatura em Angola – do enfrentamento às novas cartografias. In: DELGADO, Ignácio G. et alii (orgs.). **Vozes (além) da África**. Juiz de Fora: EDUFJF, 2006.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra**: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX. Niterói: EDUFF; Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2007.

PRATT, Mary Louise. Transculturação e autoetnografia: Peru 1615/1980. Trad. João Catarino. In: SANCHES, Manuela Ribeiro. **Deslocalizar a Europa** –

antropologia, arte, literatura e história na pós-colonialidade. Lisboa: Cotovia, 2005.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: Globalização e meio técnico-científico-informacional. 5ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008a.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo, Razão e Emoção. 4ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008b.

TYLER, Stephen A. Post-modern ethnography: from document of the occult to occult document. In: CLIFFORD, James e MARCUS, George E (eds.). **Writing culture** – The poetics and politics of ethnography. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, Ltd, 1986.

VIANNA, Magdala França. Crioulização e criouldade. In: FIGUEIREDO, Eurídice (org.). **Conceitos de literatura e cultura**. Juiz de Fora: EDUFJF; Niterói: EDUFF, 2005.

WALTER, Roland. Voicing memory and history: diaspora consciousness in contemporary fiction by New Word African Writers. In: **Gragoatá** – Revista do Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação, n°. 19, 2º sem, Niterói: EDUFF, 2005.º